CADERNO DE LEITURAS
N.149 | 2022

Fragmentos do discurso sobre a autoridade feminina

&

Entre mulheres

Maria-Mercè Marçal

TRADUÇÃO
be rgb | Meritxell Hernando Marsal

Nota da editora

Nesta publicação estão reunidos dois ensaios de Maria-Mercè Marçal: "Fragmentos do discurso sobre a autoridade feminina", de 1977, e "Entre mulheres" intervenção feita por volta de 1995–96 cujo título foi atribuído por Mercè Ibarz, editora dos textos de Maria-Mercè Marçal no volume *Sota el signe del drac* (2004).

Fragmentos do discurso sobre a autoridade feminina[1]

Maria-Mercè Marçal

Contra o significado desvalorizador que a sociedade atribui e atribuiu ao sexo feminino — para usar as palavras de Maite Larrauri —, muitas mulheres, ao longo da história, e singularmente muitas escritoras, extraíram força da atribuição de autoridade a outras mulheres, aos seus textos, às suas experiências. Mesmo que esse gesto tenha ficado frequentemente invisível ou tenha sido invisibilizado. De outro lado, no campo da literatura, a figura da autoridade é uma figura tradicionalmente muito familiar, mesmo que frequentemente apareça sob outros nomes, como "maestria", "influência" etc. Aparece sobretudo visibilizada como uma experiência masculina, suscetível, segundo algumas análises, de produzir angústia: uma angústia similar à que a figura do pai pode provocar — segundo a psicanálise — no filho. Não deixa, porém, de ser vista como uma experiência frutífera, não só do ponto de vista do "escritor-filho" e seu processo de criação literária, mas

[1] "Fragments del discurs sobre l'autoritat femenina" é a participação da autora no texto assinado por Birulés, Corral, Larrauri, Marçal e Rius, Revista *Archipiélago*, n. 30, Madrid, 1997. Presente em: Maria-Mercè Marçal. *Sota el signe del drac — A cura de Mercè Ibarz. Proses 1985–1997*. Barcelona: Proa, 2004, pp. 167–170. [N. T.]

pelo reconhecimento e consagração do escritor pai que resulta dela, com a consequente articulação de uma tradição e, em última análise, a construção do cânone: a autoridade institucionalizada — vinculada, então, por pertencer à ordem social, ao poder. Nós, mulheres escritoras, temos sido excêntricas a essa construção, e, pelo contrário, nos queixamos de uma orfandade "materna" crônica, isto é, da ausência de modelos literários femininos socialmente visíveis e atuantes. De outro lado, a autoridade literária masculina remete as mulheres a uma medida inadequada — e, portanto, nos condena intrinsecamente a sentir-nos portadoras de uma carência insuperável ou de um excesso in-decente. No entanto, como falei antes, formas de reconhecimento dessa autoridade feminina — de uma mulher para outra — e do ganho que produz para as duas — aparecem na nossa frente no pouco que olhemos tentando ver. Um exemplo pode ser trazido de um diário da poeta russa Marina Tsvetáieva onde fala da sua atitude com relação à também poeta Anna Akhmátova. Trata-se de uma evocação de alguns fatos de 1915, quando Marina foi convidada para um recital poético ao qual também devia comparecer Akhmátova — ainda que enfim não tenha ido por motivos de saúde. Akhmátova era, apesar da sua juventude — tinha então vinte e seis anos —, uma escritora consagrada. Marina, três anos mais nova, apesar de ter uma obra quantitativamente e qualitativamente não inferior, era bem menos conhecida. A crítica, o público, as comparavam, e ateavam a rivalidade entre elas, e Petersburgo era um

cenário especialmente favorável a Akhmátova. Esse é o contexto que permite situar o fragmento seguinte:

> Leio todo meu poético ano de 1915 — e tanto não é o bastante, e tanto —, querem mais. Claramente sinto que estou lendo em nome de Moscou, e com esse nome não dou de cara no chão, eu o elevo à própria altura do nome — Akhmátova. Akhmátova! — a palavra foi dita. Com todo meu ser eu pressinto a tensa — e inevitável — ante cada verso meu — comparação (de alguns até — confrontação): não só de Akhmátova comigo, mas da poesia petersburguense com a moscovita, de Petersburgo com Moscou. Mas, se alguns akhmatovianos ciumentos me escutam contra mim, digo que leio não contra Akhmátova, mas — para Akhmátova. Leio, como estivesse Akhmátova na sala, Akhmátova e ninguém mais. Leio, para a Akhmátova ausente. Preciso de meu sucesso como de um fio que me ligue a Akhmátova. E, se desejo nesse instante incorporar em mim mesma Moscou — da melhor forma possível, não será para assim eu *vencer* Petersburgo, e sim para essa Moscou — a Petersburgo — eu *dar*, para eu dar a Akhmátova essa Moscou em mim, no meu amor, esse presente eu, diante de Akhmátova — inclinar. [...] meus versos

> sobre Moscou, que se seguiram à minha passagem por Petersburgo, eu os devo a Akhmátova, a meu amor por ela, a meu desejo de lhe dar algo mais eterno do que amor. Se eu pudesse dar a ela — o Kremlin, é provável que jamais tivesse escrito esses versos. Então, houve sim, de mim com Akhmátova, em certo sentido uma competição, mas não por "fazer melhor", melhor que ela — impossível, mas para esse "melhor impossível" — deitar a seus pés. Competição? Dedicação![2]

O interesse e a exemplaridade do texto provêm, ao meu ver, da maneira pela qual Tsvetáieva se furta da armadilha fundamental que o contexto lhe arma: a comparação a partir da medida dos outros — público, crítica. Em lugar disso, ela põe no centro a sua admiração por Akhmátova e daí extrai força para escrever. O reconhecimento da grandeza de uma outra mulher retorna para ela uma imagem de possível grandeza feminina, no espelho. Tão longe da mimese homogeneizadora, como da idolatria

[2] Tradução de André Nogueira do russo, a quem agradecemos imensamente não só por nos enviá-la, mas também por ter nos contextualizado tanto sobre a passagem, que segundo nos informou consta em: Marina Tsvetáieva. *Sobránie sotchiniénii v semi tomákh* [Obras reunidas em sete tomos]; T. 4. *Vospominániia o sovremiénnikakh, dnevnikóvaia proza* [T. 4. Memórias de contemporâneos, prosa de diários]. Moscou: Ellis lak, 1994, pp. 286-287. [N. T.]

paralisadora ou da inveja estéril, a mulher “autoridade” se torna, então, ponto de referência central, mediação inestimável, alavanca eficaz para o próprio desejo.

Entre mulheres [3]

Maria-Mercè Marçal

No ano de 1929, em *Um teto todo seu*, Virginia Woolf escreveu sobre a necessidade de uma literatura que revelasse aquele "vasto salão onde ninguém entrou ainda".[4] O espaço da relação entre mulheres.

Evidentemente Virginia Woolf não se referia somente às relações estritamente eróticas, mas, em todo caso, essas permaneciam incluídas em um marco mais geral, dentro do qual muito frequentemente é difícil separar os limites e as verdadeiras implicações. Como disse Adrienne Rich cinquenta anos depois, "aquilo que não é nomeado, não representado em imagens, aquilo que é omitido das biografias, censurado em epistolários, aquilo que se nomeia erroneamente de outras formas, feito difícil de alcançar, aquilo que é enterrado na memória por causa do colapso do significado sob uma linguagem inadequada ou mentirosa — isso tudo se tornará

3 Maria-Mercè Marçal. "Entre Dones". *Sota el signe del drac — A cura de Mercè Ibarz. Proses 1985–1997*. Barcelona: Proa, 2004, pp. 201–204. [N. T.]

4 Tradução de Julia Romeu, tomada do livro Virginia Woolf. *Um quarto só seu*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021, p. 134. [N. T.]

algo não somente não dito, mas indizível".[5] E, acrescento agora: e se uma das funções da linguagem e da literatura é dar sentido, articular aquilo que previamente estava balbuciado e desestruturado, ordenar a experiência arrancando-a do caos e oferecer espelhos nos quais reconhecer a própria vivência elaborada, acabamos concluindo que uma experiência convertida em "inefável" se vê privada assim de toda dimensão simbólica e cultural e, portanto, condenada, não somente à invisibilidade e à mudez, mas também, inclusive, em um certo sentido, à inexistência. Vale dizer, de toda maneira, que têm existido brechas ao longo da história, e progressivamente mais, por onde se filtraram a palavra sobre o amor e as relações entre mulheres. E falo do amor e das relações em geral, e não somente do amor estritamente "lésbico", que, por mais que tenha sua especificidade, de fato participa também, mais intensamente, de uma problemática geral que começa, seguramente, com a negação e a invisibilidade do vínculo mãe-filha em nossa cultura. De fato, o nome lésbica, e o adjetivo sáfico-sáfica com que por vezes é eufemizado, tem curiosamente uma origem literária, como é bem sabido: no século VI a.C., Safo de Lesbos coloca o nível alto demais para qualquer outra poeta posterior. Apesar das tentativas de minimizar o alcance dos seus textos, é evidente que refletem

5 Tradução direta do inglês, texto "It is the Lesbian in Us..." (1976) presente em Adrienne Rich. *On Lies, Secrets, and Silence — Selected Prose 1966–1978*. Nova York: Norton & Norton, 1979.

um mundo de relação afetiva intensa e sensual entre mulheres. Talvez essa tenha sido a única poesia sobre o tema que havia lido quando escrevi os primeiros poemas que refletiam o amor entre mulheres, em um livro não estritamente "lésbico", *Bruixa de dol* [Bruxa de luto]. Mais adiante, conheci alguns outros, poucos, da própria Adrienne Rich e, sobretudo, os de Renée Vivien, que teriam umas consequências literárias bem mais visíveis. E alguns poemas "ambíguos" de Maria-Antònia Salvà. Do que se faz na prosa, me lembro de "Te deix, amor..." da Carme Riera e, talvez mais adiante, uma narração de Caterina Albert, Víctor Català, "Carnaval". Com essa escassa bagagem literária — comparável somente em sua pequenez ao que tinha quando escrevi sobre a experiência da maternidade —, me lancei a escrever sobre uma experiência que, em um determinado momento, afetou todos os meus esquemas anteriores.

Como em outras ocasiões, são essas experiências que de súbito geram o caos as que normalmente me desencadearam a necessidade da poesia. E, portanto, não podia deixar de escrever sobre o tema. Mais facilmente, quando o impulso da paixão parece que quebra todas as amarras. Isso foi *Terra de Mai*: a sensação de pisar de súbito no território da Utopia, como uma espécie de retorno ao paraíso perdido. Mais difícil foi articular outras experiências mais dolorosas, como a do Abandono e da ausência, que tomavam umas dimensões vertiginosas de espelho. A agressividade e a violência

sem termos nem medida — sem códigos pelos quais medir-se. Isso está na segunda parte de *La germana, l'estrangera* [A irmã, a estrangeira], que significativamente intitulei "Sangue preso". Mais adiante, em "Contrabando de luz",[6] tentei elaborar os primeiros passos difíceis, mas também luminosos, de um amor que se afirma com o tempo e na realidade, com toda a complexidade e dureza que o entorno hostil e os próprios hematomas emocionais determinam.

Mas, quando escrevi os poemas de "Contrabando de luz", como também alguns de "Sangue preso", já conhecia Renée Vivien e é possível que a fascinação que me produziram os seus poemas e a sua figura tenham deixado já alguma marca. O descobrimento de Renée Vivien tem a ver com a obsessão que em um momento determinado me levou a buscar textos que falassem do amor entre mulheres. Lembro-me, no mesmo momento, de ter descoberto Djuna Barnes, em especial *O bosque da noite*. E talvez por isso a influência de Barnes, ou, ao menos, uma homenagem não tão velada a Barnes, esteja presente no romance sobre Renée. Não sei se é realmente um romance sobre Renée, ainda que ela tenha sido o eixo central ao redor do qual toda uma série de obsessões pessoais e de descobertas giraram durante dez anos. Vale dizer que é

[6] Presente em *Desglaç* [Degelo] cuja tradução nossa foi publicada pela editora Urutau em 2019.

o primeiro caso, a respeito de minha obra, no qual a crítica oficial falou de "lesbianismo", apesar de, em geral, não terem concedido ao tema o lugar nuclear e motriz que tem no livro. É muito curioso, e gostaria de analisar mais isso, o estranho "protecionismo" com relação à minha pessoa, ou à minha imagem, que funcionou em outros casos, de maneira que força interpretações de poemas de uma forma incrível: pura miopia ou vontade de neutralização de um discurso "dissonante"? Não sei. O pior disso tudo é como esse fato interfere nos (seus) próprios medos, na própria automoderação, na autocensura. Tanto no nível da escrita quanto no da sua dimensão política. Como contribui, definitivamente, não apenas com o silenciamento da experiência, mas também com a perpetuação do descaso social. Com a invisibilidade e, além disso, a inexistência. De toda maneira, vou dizer que, para mim, já tem sido um fato bem importante que quem tenha orelhas para escutar, que escute e, definitivamente, quem possa entender, que entenda.

CADERNO DE LEITURAS
N. 149 | 2022

Fragmentos do discurso sobre a autoridade feminina
Fragments del discurs sobre l'autoritat femenina

Entre mulheres
Entre dones

Maria-Mercè Marçal

EDIÇÃO
Luísa Rabello

TRADUÇÃO E REVISÃO DA TRADUÇÃO
Beatriz Regina Guimarães Barboza
Meritxell Hernando Marsal

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Maria Carolina Fenati

REVISÃO
Andrea Stahel

PROJETO GRÁFICO
Rafael Camisassa

COORDENAÇÃO DA COLEÇÃO
Luísa Rabello e Maria Carolina Fenati

Composto em Silva Text

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, junho de 2022
Esta e outras publicações da editora estão
disponíveis em *www.chaodafeira.com*

Este projeto foi realizado com recursos da
Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização

PROJETO REALIZADO PELA SOCIEDADE CIVIL COM RECURSOS ORIUNDOS DA POLÍTICA DE FOMENTO À CULTURA MUNICIPAL

Incentivo

LMIC
LEI MUNICIPAL DE INCENTIVO À CULTURA

CULTURA

PREFEITURA BELO HORIZONTE
GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA

Projeto 0182 / 2021